

Índice

I PARTE — As Personagens

As Personagens

I 11

II 15

III 22

IV 28

A Rua das Sombras

I 33

II 37

III 40

IV 44

V 50

Os Homens Inventados 55

O Jogo

I 67

II 73

III 79

II PARTE — O Vampiro e a Estátua

CAPÍTULO I — O nevoeiro 89

CAPÍTULO II — A armadilha 95

CAPÍTULO III — Na casa 99

CAPÍTULO IV — A história 103

CAPÍTULO V — O escritor e a personagem	109
CAPÍTULO VI — O mundo a seus pés	114
CAPÍTULO VII — O vampiro e a estátua	118
CAPÍTULO VIII — Realidades	123
CAPÍTULO IX — O labirinto	128
CAPÍTULO X — O segredo	132
CAPÍTULO XI — O fantasma	135
CAPÍTULO XII — O jogo	139
CAPÍTULO XIII — Os deuses	144
CAPÍTULO XIV — O nevoeiro	149
CAPÍTULO XV — A noite	153
Sobre a Autora	159

As Personagens

I

Talvez o universo todo tivesse desaparecido e só existisse o nada do outro lado do nevoeiro.

Parecia-lhe conduzir há muitas horas naquele ventre húmido e esbatido, e doíam-lhe os olhos de tentar ver um pouco de estrada à frente do automóvel.

Talvez o mais horrível fosse o silêncio branco daquele labirinto de estradas, entre as montanhas e os abismos, de tempos a tempos um túnel, uma cascata jorrando das rochas, a água agredindo o pára-brisas durante segundos. E sempre o nevoeiro, denso, quase impenetrável.

Quase não viu o letreiro da pousada, quase seguiu sempre, perdida no labirinto de nevoeiro. Viu-o mesmo no último instante e então adivinhou o edifício, cinzento e misterioso.

Ao abrir a porta do carro, o frio enregelou-a, foi como se mãos húmidas lhe cobrissem o rosto. Subiu os degraus a correr e encontrou-se num alpendre, diante de uma porta de madeira. Tocou a campainha, com algum medo de que ninguém aparecesse. Mas a porta abriu-se quase de seguida e uma voz um pouco

rouca, um pouco quente, disse-lhe para entrar. A porta fechada, o nevoeiro e o frio bem presos lá fora, o homem ajudou-a a despir o casaco.

Então, olharam-se em silêncio.

Ela era alta e morena, o cabelo longo, olhos verdes, um corpo de formas marcadas, mal escondidas pelos *jeans* e a camisola larga.

Ele poderia ser a sua versão masculina. Um pouco mais alto do que ela, o rosto bem-parecido, os olhos verdes. *Jeans* muito velhos, a camisa branca mal engomada.

Sorriu e rompeu o silêncio:

— Suponho que deseja um quarto.

— Sim. Por uma noite. Têm quartos vagos?

Ele riu.

— Claro.

Continuava a olhá-la, como se esperasse alguma coisa. Ela perguntou, um pouco impaciente:

— Quer que assine o livro de registo?

— Não, não temos nenhum. Chamo-me Miguel.

— Diana.

O sorriso dele, notou, era irónico, mas um pouco inquieto. Ela tinha vontade de fazer mil perguntas, saber porque estava ali, o que queriam dela. Mas ele talvez fosse um simples funcionário.

— Vou mostrar-lhe o seu quarto — disse o desconhecido, com uma vénia trocista.

Pegou na pequena mala e indicou-lhe o caminho. Subiram as escadas sem dizer palavra.

«Talvez», pensou Diana, «tudo isto tenha uma explicação muito simples. Mas não sei se é isso que quero.»

Nos últimos dias imaginara tantas histórias fantásticas... Porque, tanto como o dinheiro, atraía-a a possível aventura, o possível mistério.

No cimo da escada havia um espelho antigo onde o homem e a mulher morenos, de olhos igualmente verdes e enormes, se

olharam por instantes. Um corredor longo desenhava-se à direita, com portas de ambos os lados, terminando numa janela envidraçada, que parecia uma simples tela branca. Ele abriu a porta do penúltimo quarto.

O quarto não era grande mas era acolhedor, os poucos móveis de mogno, a colcha branca, um jarrão com inúmeras flores minúsculas, brancas. Ela tentou lembrar-se do nome daquelas flores mas não conseguiu. Aproximou-se da janela e afastou os cortinados, também brancos. Não se via nada lá fora, o nevoeiro palpitava do outro lado da vidraça.

— É muito bonito — disse baixinho.

O homem riu.

— Não havia problema se não gostasse. Todos os quartos estão vagos.

Quando ele saiu, Diana sentou-se na cama, pensativa. Sabia agora que não havia mais hóspedes. Se também não havia empregados, como tudo indicava, estavam sós naquela pousada. Sentiu medo de repente, um medo estranho, irreal, como se nunca mais pudesse voltar ao mundo que conhecia, como se estivesse longe, demasiado longe.

Trocara a camisola de lã grossa por uma blusa leve, azul forte, penteara os longos cabelos, passara um pouco de água-de-colónia no pescoço.

Quando desceu as escadas, encontrou-se no átrio silencioso e não viu ninguém. Resolveu explorar um pouco. À direita da porta que dava para o exterior havia uma sala sombria, com um bar, uma lareira acesa que espalhava manchas de cor pelas sombras, um piano, um espelho ao fundo. Do outro lado do átrio ficava a sala de jantar.

Tinha algo de irreal, aquela sala enorme, deserta, em todas as mesas havia flores brancas, pequeninas, inumeráveis, iguais às

que havia no seu quarto. Lembrou-se de repente do que eram: uma variedade de gipsófilas a que os camponeses chamavam «nevoeiro». As cortinas das janelas do lado esquerdo da sala estavam afastadas e viam-se esboços-fantasmas de agapantos do outro lado da vidraça. E, sempre, o nevoeiro. Talvez, se abrisse a janela, do outro lado só houvesse o frio e o abismo. E chuva, começara a chover e a água fustigava os vidros. Talvez a terra acabasse ali e a pousada estivesse na extremidade do mundo, mesmo à beira do abismo dos espaços, do nada.

— Diana...

Voltou-se bruscamente. Não o ouvira chegar.

Ele aproximou-se com um leve sorriso.

— Estou aqui — disse.

Ela sentiu uma absurda vontade de rir.

— Sim.

«O que é estranho», pensou, «é que não sei o meu papel. Não sei qual é a minha deixa.»

Nos olhos dele havia uma inquietante mistura de desejo e agressividade. Estendeu o braço e roçou a mão no rosto dela.

«O que devo fazer agora», pensou Diana, «deixar-me beijar ou afastar-me?»

Nesse momento tocou a campainha da porta.

II

Miguel fitou-a durante segundos, com estranheza. Depois afastou-se e saiu da sala.

Ela ouviu uma porta a abrir-se, a chuva caindo com violência, som de vozes. Dirigiu-se ao átrio. Junto a Miguel estavam um homem e uma mulher desconhecidos que despiam as gabardinas.

O que lhe chamou primeiro a atenção foi que aqueles dois eram muito parecidos um com o outro.

A mulher era jovem e bonita, a boca tinha uma forma infantil, os olhos castanhos eram grandes e húmidos. Naquela pousada no campo, dentro do nevoeiro e da tempestade, tinha uma aparência impecável. O cabelo castanho muito claro caía em ondas perfeitas, o vestido de flores pequeninas vermelho e branco e o casaco preto eram discretos e elegantes.

Ele não era muito alto, tinha o cabelo louro-escuro, quase cinzento, os olhos castanhos impenetráveis. Vestia um fato cinzento, camisa branca, os sapatos apresentavam leves manchas de lama.

— Temos outros dois hóspedes — informou Miguel.

O recém-chegado falou com voz fria:

— Só por uma noite. — E acrescentou, após leve hesitação: — Chamo-me Mário. E a minha amiga, Daniela.